

# Conservadores preferem não ir

Com 9.954 alunos matriculados, 960 professores e 2.098 funcionários, o que totaliza 13.012 eleitores — a Universidade de Brasília representa um respeitável manancial de votos para nenhum candidato esnobar desprezo. Mas a grande maioria não se atreve a incursionar aquele campus universitário, principalmente os mais humildes ou os apontados como de direita (leia-se conservadores), apesar da orientação da reitoria de que não se discriminne ideologicamente ninguém. E o livre trânsito fica mesmo com os candidatos tidos como de esquerda, a julgar pela propaganda ostensiva em todos os espaços disponíveis da UnB. Na entrada da Ala Norte, uma enorme faixa recomenda dois candidatos do PT. Nas paredes da entrada e ao longo do Minhocão há centenas de posters coloridos, limitando-se contudo a um número reduzido de candidatos. E nesta batalha visual quem ganha disparado é Hélio Doyle. Mas em baixo prevalece o grupo de outro partido.

— Tá aí fim de assistir ao debate?

Com uma vistosa estrela vermelha no peito, não precisa dizer que o jovem cabo eleitoral é do PT. Ele distribui pequenos panfletos que valem como convites a um debate sobre reforma do ensino, marcado para as 11h30 no C.A. de História. Há três candidatos no programa: Hélio Doyle, do PDT; Orlando Cariello, do PT; e Beto Almeida, do PSB. Como cada um deles está vendendo a sua própria campanha?

— Estamos trabalhando muito. Temos grupos de apoio funcionando em quase todos os de-

partamentos da UnB, que é quase um comitê. Se depender de nosso trabalho, vai ser uma beleza — diz sorridente o incansável Orlando Cariello, que se formou em Arquitetura pela UnB em 1973.

Se o PT está preocupado com o voto nulo defendido por alguns universitários?

— Isso ai se reverte. O pessoal vai entender que esse voto pode ter um destino melhor do que a anulação — conclui Cariello.

Hélio Doyle é uma presença mais concreta na UnB, inclusive porque deu aulas diárias no Departamento de Comunicação até a última quinta-feira, muito embora pudesse ter-se licenciado desde o mês de agosto, conforme faculta a lei eleitoral.

— A dificuldade de o candidato chegar ao eleitor é muito grande, particularmente se esse candidato faz campanha sem dinheiro, como é o nosso caso. Mas tenho a sorte de ter uma equipe de colaboradores da melhor qualidade e boa vontade, o que alguns candidatos não conseguem nem pagando bom dinheiro. E assim estou acreditando numa boa resposta dos eleitores brasilienses, de classes sociais diferentes, até do povo. Aqui levo a vantagem de ter sido aluno, funcionário e agora professor — explica Hélio.

Beto Almeida também foi aluno da UnB. Expulso em 1977 e anistiado posteriormente, acabou formado em Jornalismo. É como jornalista que ele edita o *Correio do Brasil*, uma folha diária xerografada com denúncias de todos os tipos, desde "EUA proibem agrotóxico que Brasil utiliza" a "Brasil é re-

cordista de polônia entre os países das Américas". Pacifista, está colhendo um abaixo-assinado contra a bomba atômica, fazendo disso um chamariz de voto. Mesmo sabendo das reais dificuldades que terá pela frente para eleger-se, Beto não desiste:

— Aqui na UnB faço todo tipo de campanha, inclusive participando de vários debates, em várias áreas, sobre vários temas. É preciso discutir.

Pouco depois, começa o debate no C.A. de História. Marcado para as 11h30, só começa às 12 horas. E não obstante a distribuição de volantes convidando os alunos, só há 16 pessoas presentes, incluindo os três candidatos convidados. Aquela mesma hora, no auditório que fica no andar de cima, o Centro Acadêmico de Administração promove outro debate programado para três dias (quinta, sexta e sábado) sobre "O papel do empresário dentro da sociedade". Apesar um terço dos lugares estão ocupados. Renato Lacerda Filho, presidente do C.A. de Administração, só tem uma queixa:

— Convidamos cinco candidatos para dar sua contribuição sobre o tema: Lauro Campos, do PT; Carlos Alberto, do PCB; Lindberg, do PMDB; Osório Adriano, do PFL; e Altamira de Oliveira, do PSB. Só apareceram os três primeiros. Osório mandou um representante. E Altamira não deu as caras e nem mandou representante.

A debates semelhantes, com audiência incompleta, compareceram candidatos como Pompeu de Souza, Maurício Corrêa, Mário Terena e outros taxados como progressistas.